

O PROCESSO DO ENSINAR E APRENDER NO *DE MAGISTRO*

THE PROCESS OF TEACHING AND LEARNING IN DE MAGISTRO

Nadison Walbert Guimarães¹

Ricardo Evangelista Brandão²

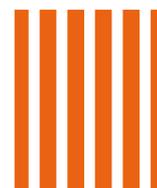
RESUMO: O presente artigo é fruto de investigações acerca do problema do ensino em Agostinho de Hipona. Sua contribuição em referida temática, pode ser percebida em variados pontos das suas mais diversas obras, e partindo delas, de modo particular a obra *De Magistro*, é possível indagar-se sobre alguns pontos: qual a melhor forma de mediação para se ensinar? Linguagem? Imagens? Mostrar a própria coisa diretamente? A pesquisa tem ciência que, mesmo Agostinho estando longe cronologicamente dos dias atuais, suas questões reverberam e contribuem ao longo da história com importantes reflexões para o tema do ensino-aprendizagem. O texto Agostiniano pode ser percebido em três momentos: o primeiro é a investigação a respeito da palavra, em seguida sobre a melhor forma de mediação para se ensinar e, por fim, concluirá revelando que o conhecimento da coisa em si é muito mais desejável que seus sinais. Agostinho vai argumentar que nós podemos representar as coisas de várias formas, e todas elas possuem sua utilidade no que diz respeito ao conhecer – “a eficácia dos sinais ou da linguagem não é mostrar (*ostendere*), mas advertir (*admonere*), isto é, incitar a procurar” (Xavier, *In. Agostinho*, 1995, p. 42). Contudo, ele busca saber como se dá o conhecimento de fato das coisas. Assim, é nossa meta neste artigo percorrer o caminho agostiniano e alcançar a compreensão sobre as variadas formas de ensino e aprendizagem, partindo da palavra, passando pelo uso da imagem como método facilitador do ensino, até a realidade em si.

PALAVRAS – CHAVE: Palavra; Linguagem; Imagens; Conhecimento

ABSTRACT: This article is the result of investigations into the problem of teaching in Augustine of Hippo. His contribution to this topic can be seen at various points in his most diverse works, and based on them, particularly the work *De Magistro*, it is possible to ask about some points: what is the best form of mediation to teach? Language? Images? Show the thing itself directly? The research is aware that, even though Augustine is chronologically far from the present day, his questions reverberate and contribute throughout history with important reflections on the topic of teaching-learning. The Augustinian text can be perceived in three moments: the first is the investigation into the word, then into the best form of mediation to teach and, finally, it will conclude by revealing that knowledge of the thing in itself is much more desirable than its signals. Augustine will argue that we can represent things in various ways, and all of them have their usefulness when it comes to knowing – “the effectiveness of signs or language is not to show

¹Graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), mestrando em Filosofia pelo programa PROF-FILO (Mestrado Profissional em Filosofia) no IFPE campus Vitória de Santo Antão. E-mail: nadsonwalbert@gmail.com

²Orientador, professor doutor em Filosofia pelo Programa Interinstitucional de Pós-Graduação em Filosofia UFPE/ UFPB/ UFRN; professor efetivo de Filosofia da IFPE. E-mail: ricardobrand75@gmail.com



(*ostendere*), but to warn (*admonere*), that is, encourage people to search” (Xavier, *In. Agostinho*, 1995, p. 42). However, he seeks to know how things actually come to be known. Thus, our goal in this article is to follow the Augustinian path and reach an understanding of the various forms of teaching and learning, starting from the word, through the use of images as a method to facilitate teaching, to the primacy of reality.

KEYWORDS: Word; Language; Images; Knowledge

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No livro *A Beleza salvará o mundo*, de Gregory Wolfe, o autor aponta para uma característica evidente do nosso momento histórico e cada vez mais generalizada: “A essência da modernidade, é a negação de que o homem possa saber e agir de acordo com a ordem transcendente” (Wolfe, 2015, p. 35). Essa falta de transcendência³ perceptível na atualidade, é visível nas mais diversas formas e áreas, destaca-se quase uma aversão ao questionamento e ao conhecimento; a busca pelo saber se limita na maioria das vezes a noções mercadológicas das mais simplórias possíveis.

Diante disso, o pensamento de Agostinho de Hipona, que é daqueles homens que marca a história do seu tempo, deixando um legado gigantesco para a formação do pensamento ocidental (Moreschini, 2004, p. 440), gera uma infinidade de obras e textos nos quais é possível perceber sua preocupação em responder as variadas questões de seu tempo. Uma das problemáticas abordadas em suas obras é a educação, que, no período do Hiponense, estava passando por uma profunda transformação⁴ e, a contribuição de tal pensador, estender-se-ia ao longo dos séculos. É possível afirmar, que, ele, é o grande responsável em criar o elo definitivo entre a Filosofia antiga, em especial o platonismo, e a nova religião do Império Romano, o Cristianismo. Ele é a ponte entre o mundo antigo e a imponente era da Cristandade.

³ Transcendência aqui refere-se a impressão advinda do senso comum e de alguns teóricos de que o ensino atual no Brasil se presta apenas a um tecnicismo prático, mas vazio de valores e sapiência (Matos, 2021).

⁴ Agostinho está situado num período de profundas transformações, o já cambaleante Império Romano abre espaço para uma nova força, a saber, a Igreja cristã. Por isso, boa parte das obras do Santo Bispo é vista como fundantes do pensamento posterior (Papini, 2023) e (Rops, 1991).

Agostinho escreve sua principal obra sobre a questão educacional⁵ em 389, *De Magistro*⁶ (*O Mestre*, em português), a essa altura de sua vida, após o processo de conversão ocorrida em meados de 386, o centro do seu pensamento já havia se deslocado. O outrora homem das artes liberais, voltava-se agora para assuntos filosófico-teológico. Tanto que as próprias conclusões do diálogo *De Magistro*, desenvolvido com Adeotado, seu filho, “foram imediatamente aplicadas, em sua defesa da Igreja Católica” (Brown, 2023, p. 165).

O texto agostiniano é escrito em forma de diálogo, mostrando sua conhecida influência platônica/neoplatônica (Papini, 2023, p. 12). Agostinho, como mestre, mostra-se disposto a ensinar, e Adeodato, o jovem interlocutor, é conduzido a perguntar, num processo de erro, acerto e tentativas, que segue toda a extensão da conversa, e só no final dirige-se para as afirmativas que vão concluir o assunto. Um ponto importante a se destacar a priori, é que a pergunta inicial da obra do filósofo de Hipona, pode parecer simples e despreziosa, “o que te parece que queremos fazer quando falamos?” (Agostinho, *De mag.* 1, 1). Porém, a questão colocada abre-nos a uma variedade de inquições e possibilidades a serem debatidas. Contudo, em meio a uma infinidade de comentários e considerações, de uma coisa não se pode escapar, a resposta curta e direta de seu interlocutor– “o que se pretende ao falar é ensinar” (Agostinho, *De mag.* 1, 1) – por meio de tal resposta se alicerça todas as questões levantadas posteriormente. Por isso, pode-se afirmar que o *De Magistro* versa acerca das relações: pensar-falar, ensinar-aprender, tudo isso por meio de uma linguagem (verbal ou não)⁷, indagações essas registradas no citado diálogo.

Os estudiosos costumam organizar e dividir o diálogo *De Magistro* em três partes, onde na primeira e na segunda ele abordará aspectos acerca de problemas fundamentais que surgem com o uso das palavras⁸, isto vai desde a importância da palavra e os seus tipos (ou níveis) até sua

⁵ Termo aqui utilizado para tratar do conjunto de obras Agostiniana que falam sobre a linguagem (os sinais) e de modo paralelo a questão ensinar-aprender. São elas: *Soliloquia* (386), *De Magistro* (389) e *De Doctrina Christiana* (426). A datação das obras citadas tem como base o que consta na Biografia de Santo Agostinho de Peter Brown (Brown, 2023). Ver também, *Agostinho através dos tempos: Uma enciclopédia, organizado por A. Fitzgerald* (2023).

⁶ Neste artigo serão utilizadas três traduções da obra *De Magistro*, devido a variedade de comentários essenciais para o entendimento. No corpo do texto, todas as citações foram retiradas da tradução da editora Kirion, já os comentários e rodapés estão variados entre a tradução da editora Paulus e Porto, todos devidamente referenciados.

⁷ Do meio para o fim do diálogo *De Magistro*, Agostinho discorre acerca das coisas que podem ser ditas sem palavras. Tais coisas (imagens, gestos, a coisas em si) são entendidas por ele como formas de comunicar, despreendendo-se a ideia de apenas a linguagem (palavra) teria serventia para tal finalidade. “[...]ensinamos muitas coisas com outros signos que não são palavras, que pode duvidar [...]?” (Agostinho, *De mag.* 10, 30). Ver também, Agostinho, *De mag.* 12, 39.

⁸ Palavra e signo são tão intrinsecamente ligados que podem ser entendidos como sinônimos. Agostinho diz “Concordamos, portanto, que as palavras são signos. Adeodato: [confirmando responde] sim.” Agostinho, *De mag.*

deficiência para ensinar, e conseqüentemente outras possibilidades de ensino/mediação. Já na terceira parte, Agostinho entrará na sua doutrina do mestre interior, onde a linguagem pouco importará, pois a realidade a que o signo se refere é conhecida não por ele mesmo, o signo, mas pela consulta do mestre interior, Cristo (Kries, *In Fitzgerald*, 2018). O nosso autor advogará para uma forma de conhecimento interno no discípulo; para ele o conhecimento da coisa, necessariamente precederá ao conhecimento da palavra.

2. A IMPORTÂNCIA DAS PALAVRAS

A intenção educacional agostiniana é fazer com que todos cheguem ao conhecimento da Verdade, isto é, a Deus. Assim, para Agostinho, o ensino tem como papel instruir a razão (ferida pelo pecado) – “a necessidade da linguagem de ‘sinais’ era resultado de uma imperfeição específica da consciência humana” (Brown, 2023, p. 325). Para o santo filósofo, a linguagem é indispensável, pois o pecado interrompeu a comunicação direta entre homem e divindade, afetando assim a capacidade intelectual do homem. Ainda no mesmo trecho, o biógrafo do santo doutor, Peter Brown (2023, p. 325), explicita o pensamento de Agostinho dizendo o seguinte: “é que a Queda, entre muitas coisas, fora uma queda do conhecimento direto no conhecimento indireto, por intermédio dos sinais. A ‘fonte interna’ do conhecimento havia secado: Adão e Eva descobriram só poder se comunicar-se pelo artifício da linguagem e dos gestos”. Admitindo essa debilidade da razão pós pecado, o percurso educacional de Agostinho tem por objetivo conduzir o homem a procurar uma verdade evidente (ainda que transitória), para daí seguir rumo a Verdade, segura e imutável que é Deus, “para que sejamos instruídos pelo próprio Autor da instrução” (Agostinho, *De mag*, 14, 46)

Para o Hiponense, a relação ensino-aprendizagem visa guiar-nos a princípios fundamentais, para assim, torna-nos aptos a uma elevação, uma transcendência⁹. Entre esses

2, 3). Por signo, entendemos também neste artigo, a definição exposta na obra *Doutrina Cristã*, que diz: “O sinal é portanto, toda coisa que além da impressão que produz em nossos sentidos, faz com que nos venha ao pensamento outra ideia distinta” (Agostinho, *De doct, chr*, I, 1, 1)

⁹A Igreja Católica perpetua essa visão educacional, de elevação e transcendência até os tempos atuais. No século passado o papa XI em sua encíclica *Divini illius magistri*: sobre a Educação, diz o seguinte: “[...] pois que se concentram e imobilizam em si mesmos [aqueles que buscam dá sentido a educação], atacando exclusivamente coisas [...] temporais, em vez de dirigirem para o alvo Deus [...]. Desta maneira sua agitação será contínua e incessante, enquanto

princípios basilares, encontra-se a linguagem. Ela é o principal instrumento do ensino, o meio mais ordinário entre o mestre e o discípulo; “quem fala dá, através da articulação sonora, um signo de sua própria vontade” (Agostinho, *Demag.* 1, 2). O diálogo *De Magistro* principia com a suposição de que há uma correspondência rigorosa e constante entre linguagem e pensamento (Gilson, 2006, p. 140) – “não foram as palavras que o Mestre ensinou, mas as próprias coisas por meio das palavras” (Agostinho, *De mag.* 1, 2). As principais funções da linguagem seriam, pois, a transmissão das ideias (o ensino) e a recordação/memória (relembrar o aprendido), “estabeleço, desde já, duas finalidades nas palavras que proferimos: a primeira, ensinar; a segunda, suscitar recordações, em nós mesmos ou nos outros [...]” (Agostinho, *De mag.* 1, 1), uma vez que ao falamos o que estamos a fazer, é buscando aproximar um objeto mental que é nosso, ao intelecto de outrem. Usamos as palavras, essencialmente, como signos mentais, afim de exprimir uma ideia ou objeto.

Pronunciar uma palavra é emitir um estímulo sensível capaz de impressionar o ouvinte não só pelas características do som como pela aptidão de aparecer em vez de outra coisa. É esta aptidão a função de significação pela qual a palavra se converte em sinal de outra coisa (Xavier, *In. Agostinho*, 1995, p. 31).

Durante o diálogo com Adeodato, Agostinho afirma que as palavras nada mais são do que signos, que só fazem sentido se quem as ouve entende o que ela significa, “pode um sinal ser sinal sem significar algo?” (Agostinho, *De mag.* 2, 3). Ou seja, ao ouvir uma palavra, o que vem à mente não é a palavra pura e simples, mas a coisa da qual ela é signo. Porém, Gilson (2006) comentando a respeito disto, constatará que a ideia de uma transmissão entre linguagem e pensamento não é satisfatória, visto que para tal seria necessário afirmar uma correspondência por demais rigorosa entre pensar e falar. “Seria necessário poder sustentar que as ideias nos vêm contidas nas palavras” (Gilson, 2006, p. 140).

O conhecimento da palavra como signo de alguma coisa, não é de modo algum intrínseco na própria palavra, antes, precisa ser mediado pela significação, caso contrário seria apenas um som solto, sem sentido. A palavra só tem efeito no que diz respeito ao ensino-aprendizagem, pois possui um estatuto significante, e a compreensão de tal estatuto é parte essencial para o conhecimento por intermédio das palavras. Pois, as palavras são meios de conhecimento, e não um fim em si mesma.

não voltarem os olhos e esforços a única meta da perfeição, Deus, segundo a profunda sentença de Santo Agostinho: “Criaste-nos Senhor, para Vós, e nosso coração está inquieto enquanto não repousar em Vós” (Pio XI, 2022, p. 9)

Ao longo do debate, Agostinho irá demonstrando como as palavras, apesar de sua relevância, apresentam uma debilidade na função de ensinar a coisa em si. Pedindo para Adeodato demonstrar o que significa a frase “Se nada, de tão grande cidade, apraz aos deuses que permaneça” (Agostinho, *De mag.* 2, 3)¹⁰, mostra o quão é ilusória a noção de que aprendemos alguma coisa ao ouvir tal afirmação. O jovem Adeodato tentando explicar a frase, nada mais fará do que “demonstrando através de palavras” (Agostinho, *De beata vitae.* 2, 13), tentar significar palavras com outras palavras. Agostinho, por sua vez, de imediato corrige:

Não pretendo que troques uma palavra conhecida por outra igualmente conhecida que signifique a mesma coisa [...]. Se em vez de ‘*ex tanta urbe*’, o poeta tivesse dito ‘*de tanta urbe*’, e eu te perguntasse o que significa ‘*de*’, tu certamente responderias ‘*ex*’, já que estas duas palavras – esses signos – significam, segundo afirmas a mesma coisa. Mas eu, por minha vez, busco a própria coisa [...] (Agostinho, *De mag.* 2, 4).

Partindo da premissa inicial do diálogo, vemos que quando falamos, quer com o outro, quer conosco, buscamos ensinar ou recordar, como dito por Agostinho no fragmento (*De mag.* 1, 1). De modo geral fazemos uso das palavras, signos auditivos, contudo, por vezes também recorremos aos signos visuais, isto é, os gestos, imagens, símbolos e, mesmo, as realidades em si. “Se me perguntam o que é muro, eu poderia responder apontando para o muro; [...]. Um mudo fala, por assim dizer, com a ajuda de gestos; ele pergunta, responde, faz com que os outros conheçam tudo o que ele quer, ou quase tudo” (Gilson, 2006, p. 140).

A pertinência da linguagem no processo educativo se dá, porque nos é possível perceber que, de algum modo a palavra ‘marca a mente’¹¹ daquele que ouve e apreende seu significado (a tradução portuguesa do *O Mestre* chama esse fato de “[...] força impressiva da palavra” (Xavier, *In. Agostinho*, 1995, p. 32), e posteriormente, sempre que ouvir tal signo recordará daquilo que foi aprendido. Essa ideia, pode ser vista como a chave de leitura de *De Magistro* “A eficácia da pedagogia verbal postula a necessidade de conhecimento no discípulo” (Xavier, *In. Agostinho*, 1995, p. 9).

¹⁰ “*Si nibilex tanta superirplacet urbe relinqui*” (Virgílio, *EneidaII*, 659. *In. Agostinho, De mag.* 2, 3)

¹¹ A questão da memória, ligada diretamente a ideia de mente, é um tema importante e que perpassa variadas obras agostinianas. Sobre esse ponto ressaltamos o seguinte para clarificar: “Memória, significa muito mais do que significa para nós, que o limitamos à lembrança do passado. Segundo Agostinho, porém, *memoria* se aplica a tudo o que está presente na alma e influi sobre ela, ainda que a alma não esteja consciente disso” (Moreschini, 2004, p. 478)

[...] quando ouvimos ou pensamos nas palavras, falamos em nosso interior, e que, com esta fala não fazemos senão recordar, por que a memória, na qual as palavras se fixam, ao se voltar sobre elas faz vir à nossa mente as próprias coisas das quais elas são signos (Agostinho, *De mag.* 1, 2).

Em outro trecho da obra, encontramos um paralelo direto com esta citação. Agostinho torna a afirmar em *De Magistro* 5, 12, “tudo que é proferido com a voz articulada em vista de algum significado, fustiga os nossos ouvidos, para que seja sentido, e é encaminhado para a memória, para que assim possa ser conhecido”. Esse processo, de pré-ciência do significado da palavra, é a grande inovação de *De Magistro*, como dito nas notas introdutórias da tradução portuguesa de *O Mestre*:

O contributo mais original de Santo Agostinho em filosofia da linguagem é a concepção da origem da palavra significante numa linguagem interior da mente [...]. Assim sendo, a noção agostiniana de verbo mental postula a anterioridade do conhecimento (Xavier, *In. Agostinho*, 1995, p. 9).

Esta anterioridade necessária do ato de conhecer é condição *sine qua non*, para o conhecimento por intermédio da linguagem. É possível afirmar, com as contribuições trazidas pelo próprio texto de *De Magistro*, que há um certo conhecimento que procede da palavra, contudo, o diálogo discorrerá até demonstrar que mais louvável que o conhecimento da palavra é o conhecimento da coisa em si. É o caso do exemplo trazido por Agostinho, ele recorre ao termo “sarabalas”, retirada do livro do profeta Daniel (*Dn* 2, 34). De modo muito perspicaz, o filósofo escolhe uma palavra de origem não latina, assim, ao escutar, não nos apresenta um indício do que poderia vir a ser, nem conseguimos aproximar de outra já conhecida. Ou seja, se para nós não for apresentado seu significado, que vem a ser algo como cabeça ou cobertura, nada aprendemos. Agostinho quer com o referido exemplo colocar a prova a eficácia das palavras.

Se olhares com atenção, talvez não encontre nada que se aprenda por meio de signos. Quando um signo me é dado, se ignoro a coisa da qual ele é signo, nada pode ser-me ensinado; se o sei, o que aprendo com o signo? A palavra não me mostra a coisa significada [...] (Agostinho, *De mag.* 10, 33)

Chegando a tal conclusão, que as palavras pouco ajudam no conhecimento da coisa em si, “a palavras enquanto sinal, não produz o conhecimento da realidade se este não for previamente dado” (Xavier, *In. Agostinho*, 1995, p. 33). Diante do exposto, o dialogo seguirá para um novo rumo. De fato, a primeira parte da obra é de suma importância para fazer perceber que a mente

não pode conhecer ou mesmo reconhecer um signo, a menos que já tenha conhecimento da coisa em si por meio da observação direta do que ela significa (Cameron, *In. Fitzgerald*, 2018).

3. A DEFICIÊNCIA DAS PALAVRAS.

A linguagem é uma das formas de mediação para o ato de conhecer; “A expressão vocal de uma forma sensível imaginada é a palavra falada. Enquanto a forma sensível é imagem de um conceito mental, a palavra falada é o símbolo desse conceito; é o conceito materializado” (Mayer; Fitzpatrick, 2023, p. 124). Toda palavra só faz sentido ser falada e só pode ser compreendida se há nela algo a ser significado. Para Agostinho, “sua linguagem do processo de conhecimento pela significação tem dois pontos de referência: o significante e o significado”¹² (Cameron, *In. Fitzgerald*, 2018, p. 896). O filósofo de Hipona bem nos lembra que é impossível haver sinais que nada signifiquem – “uma vez apresentado um signo, voltamos nossa atenção para aquilo que ele significa” (Agostinho, *De mag.* 7,20). Ao falar, sempre queremos exprimir algo, seja outras palavras seja as coisas em si. Todavia, como já dito acima, a palavra é uma mediação, mas ela, por si só, tem pouca eficácia no ensino da realidade em si.

Esse frágil valor das palavras para demonstrar a coisa em si fica visível na abertura do capítulo XI do *O Mestre*, quando o Hiponense afirma que: “Até aqui vai o valor das palavras, as quais mesmo atribuindo-lhe muito, apenas nos incitam a buscar as coisas, mas não no-las mostram para que as conheçamos” (Agostinho, *De mag.* 11, 36). Tamanha é a ineficácia da palavra para revelar as coisas, que repercute também, no conhecimento das próprias palavras enquanto sinais das coisas.

[...] verás quão menos valem as palavras em relação ao seu fim, em vista do qual as usamos, [...]. As palavras existem para que usemos, e nós as usamos para ensinar. Assim, tanto o ensinar é melhor que o falar quanto o falar é melhor que as palavras; portanto, o ensinamento é muito melhor que as palavras (Agostinho, *De mag.* 9, 26).

¹² Significante (*res*) seria aquilo que pode ser compreendido/percebido, por significado (*signum*) compreende-se algo que se mostra mais que está além do da pura percepção. (Cameron, *In. Fitzgerald*, 2018).

Neste ponto que o texto de *De Magistro* indicará os signos visuais (imagens e gestos) enquanto ostensão da linguagem para facilitar o entendimento da palavra e, como consequência, para conduzir ao conhecimento da própria realidade¹³. Para o Doutor da graça, a linguagem é melhor aprendida de forma ostensiva, isto é, por meio de ligações diversas entre a coisa e a palavra e, seu desenvolvimento, se dá por um artifício da razão, que necessitava de um mediador entre ‘mentes’. No *De Ordine*, Agostinho vai dizer que:

[...] não podia se associar ao homem de uma maneira bem consistente, a não ser que eles conversassem entre si e, assim, como que fundissem entre si suas mentes e pensamentos, a razão percebeu que deveria impor vocábulos às coisas, expressando alguns sons para que, uma vez que os homens não podiam penetrar mutuamente em suas almas, usassem do sentido com intermediário para associar-se entre si (Agostinho, *De Ord.* II, 12, 35)

Agostinho no trecho acima está discorrendo sobre como se manifesta o trabalho da razão, e a linguagem ocupa seu lugar de destaque. Para ele, os homens obrigados a vida em sociedade são conduzidos a criar formas de comunicação (utilizando os sentidos) com intuito de externar o que se pensa. Assim, aponta uma vez mais para a conclusão que palavras são um meio, não o fim da comunicação, os sinais são mecanismo para o fim último da linguagem, que é o conhecimento das coisas. Agostinho vai apontando pouco a pouco para a deficiência das palavras em ensinar algo. No capítulo X do diálogo, concluirá provisoriamente dizendo o seguinte: “Concluímos, pois, que nada se ensina sem signos, e que devemos dar mais valor ao conhecimento dos signos do que aos signos pelos quais conhecemos, embora nem todas as coisas significadas sejam melhores que os seus signos” (Agostinho, *De mag.* 10, 31)

Na segunda metade do diálogo, santo Agostinho junto com Adeodato, chegará à conclusão que os signos (palavras) são imperfeitos para a real aproximação entre pensamento e realidade. O primeiro ponto é que aquele que ouve, apreende efetivamente o que é, se somente se, já sensoriou (de algum modo) aquilo que está a ouvir. O Hiponense se esforça ao máximo para convencer seu interlocutor “de que nada aprendemos por meio desses signos que chamamos palavras, por que, como já disse, aprendemos o valor da palavra, isto é, o significado latente no

¹³ Santo Tomás de Aquino no século XII, comentando o texto agostiniano, reafirma o pensamento do bispo de Hipona: “[...]todo conhecimento se dá por meio de uma espécie [imagem] [...] ou criando, ou iluminando as espécies que estão nas imagens, para que destas resultem espécies inteligíveis no intelecto do homem”. (Aquino, *De mag. (quaestionesdisputatae de veritate*, q. XI) 2, ad 12)

som, ao conhecer a coisa significada, e não a coisa através do signo” (Agostinho, *De mag.* 10, 34). Ou seja, não é pela palavra que aprende, mas pela imagem que traz consigo em sua mente.

Por um lado, parece que os seres humanos precisam usar signos para ensinar qualquer realidade a outros seres humanos; por outro lado, os seres humanos não podem entender o significado daqueles signos [...] a não ser que já conheçam as realidades a que os signos se referem (Kries, *In. Fitzgerald*, 2018, p. 621)

3. 1. Primado da realidade

Debate-se aqui sobre uma hierarquia entre palavra e realidade. De modo geral as coisas possuem um valor superior das palavras, entretanto, essa ordem será posta em xeque com o exemplo trazido por Agostinho da palavra imundície. Pois nesse caso seria preferível conhecer a palavra imundície, já que ela apenas adverte para o que é a imundice em si, e não carrega consigo todos os males do que é a imundície, do que a realidade da imundice carrega, algo desprezível e que causa repulsa. Assim, há pelo menos um precedente onde a palavra vale mais que a coisa que significa. E o oposto também se aplica, pois é melhor conhecer a coisa imunda, para assim evitar esta coisa. Pois se correria o perigo de alguém, por não conhecer o que significa a palavra citada, acabar por sentir um certo desejo de tê-la.

[...] quando dizemos ‘*coenum*’ (imundície) creio que este nome valha muito mais que a coisa significada. O que nos ofende [causa repulsa] ao ouvi-lo não pertence ao próprio som da palavra, pois basta mudarmos uma letra e, de ‘*coenum*’, temos ‘*coelum*’ (céu), e vemos quão grande e a diferença entre os seus significados. Portanto, não devemos atribuir a esse signo o que nos repulsa na coisa significada, e por isso anteponho o signo à coisa: é mais agradável ouvi-lo do que tocar o que ele significa (Agostinho, *De mag.* 9, 25).

Como dito, existe uma disputa pela hierarquia de valor entre coisa e palavra, embora no fragmento acima Adeodato pareça satisfeito com a resposta que deu, seu pai o questionará e evidenciará a fragilidades da afirmação. Tal caminho percorrido no diálogo levará a uma mudança já prenunciada, a desvalorização das palavras em proveito da realidade. O exemplo desempenha uma função substancial para o andamento do diálogo.

Ag: Podes dizer, ao menos, que intenção tinhas tu quando enunciastes esse nome [imundície]?

Ad: [...] com este signo quero ensinar ou recordar ao meu interlocutor a coisa mesmo que julgo necessário ensinar ou recordar

Ag: Como? O ato em si de ensinar e recordar, ou de aprender e ser recordado, que é facilmente alcançado por ti ou para ti através deste nome, não é mais valioso que o próprio nome?

Ad: Admito que o conhecimento em si, que se alcança por meio deste signo, valha mais que o signo, mas não creio que valha mais que a própria coisa. Ag: [...] embora seja falso que todas as coisas devam ser preferidas aos seus signos, não é falso que tudo o que existe em função de outra coisa tenha menos valor que a coisa em função da qual existe [...]. Se consideramos o conhecimento como superior ao signo em questão, é porque estamos convencidos de que este existe em função daquele, e não o contrário. (Agostinho, *De mag.* 9, 25 e 26).

A questão da imundície é posta por Agostinho, pois é a partindo dessa valoração coisa-palavra que ficará explicitado um valor muito superior à linguagem: o conhecimento. “A realidade poder ser mais desprezível do que as palavras, mas nunca o conhecimento da realidade” (Xavier, *In. Agostinho*, 1995, p. 30). Assim, o conhecimento da realidade exerce um primado, de modo que há uma ordem teleológica, ou seja, a linguagem é instrumentalizada a serviço do conhecimento do real.

É nítido que todo texto caminha apontando para aquilo que algumas traduções chamarão de primazia da realidade. Toda sua incursão frente às respostas de Adeodato é para revelar que as palavras são ineficazes para ensinar e que o conhecimento se dá pela coisa e não pelos sinais. Assim como dito no capítulo IX de *De Magistro*, Agostinho recordará e atestará que nada se conhece ao ouvir referida palavra:

[...] é pelo conhecimento das coisas que se perfaz o conhecimento das palavras; ouvindo as palavras, nem mesmo as palavras se aprende. Porque não aprendemos as palavras que conhecemos nem podemos confessar ter aprendido as que não conhecemos se não percebemos o seu significado, que nos chega pela audição das vozes emitidas, mas pelo conhecimento das coisas significadas. Donde é muito razoável pensar e afirmar que, quando as palavras são proferidas, ou sabemos o que significam, ou não sabemos: se sabemos, mais o recordamos que aprendemos; e, se não sabemos, nem sequer recordamos, mas somos mais instigados a buscá-lo (Agostinho, *De mag.* 11, 36.)

Durante as indagações acerca de como se aprende, Agostinho, a essa altura encaminha seu texto para o fim, onde desenvolverá a doutrina do Mestre interior – “tudo o que essas palavras

significam já existia em nosso conhecimento” (Agostinho, *De mag.* 11, 36). A grande questão é: como já existiam?¹⁴ É a partir da referida doutrina, que o santo filósofo formula a sua teoria, segundo o qual, o saber verdadeiro se encontra em Deus (o Mestre por excelência), e nós conhecemos por meio da interiorização (o mestre interior), à medida que o intelecto nota a presença de Deus. Assim como a luz dissipa as trevas, o mestre interior iluminaria aqueles conhecimentos sensíveis a fim de criar o conhecimento em si (Gilson, 2006); no ápice do contato entre sensível e inteligível (Santos, *In. Agostinho*, 2008, p. 13). Assim, para Santo Agostinho, ‘as verdades’ estão estabelecidas em Deus, portanto, o conhecimento vem de Deus e é por meio de sua iluminação que o homem o recebe em sua interioridade. “[...] pela iluminação divina [o homem] percebe [aprende] a justa ordem estabelecida por Deus, segundo a qual não devemos antepor as coisas inferiores às superiores” (Costa, 2014, p. 37). A busca pela verdade colocava o indivíduo na posição de compreender a si próprio e lhe trazer sentido à vida.

Assim, quanto às coisas que captamos [...] aquele que é capaz de vê-las é discípulo da verdade interiormente, e exteriormente é juiz daquele que fala, ou melhor, de sua própria fala, pois na maioria das vezes conhece as coisas de que se fala (Agostinho, *De mag.* 13, 41).

De modo similar, as palavras, os sinais, as coisas em si nada mais fazem do que indicar. Como afirma Adeodato nas últimas sentenças do diálogo (Agostinho, *De mag.* 14, 46) “[...] se algo verdadeiro é dito, só no-lo pode ensinar. Aquele que a falar exterior nos indica habitar no interior [...]”. Portanto, o ensino e os apoios externos da linguagem não fazem senão conduzir a alma a recordar ou considerar aquilo que ela já sabia

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso pensador tem em *De Magistro* sua obra prima sobre o que se refere ao problema da linguagem. Agostinho segue um percurso com Adeodato a fim de encontrar como de fato se dá o ensino-aprendizagem. O Hiponense primeiro abordará sobre a importância das palavras para tal questão, reduzindo a linguagem a sua materialidade, buscando com isso esclarecer o exterior para daí revelar o interior. “Ao questionar o acto de ensinar, Santo Agostinho põe em causa, sobretudo,

¹⁴ A doutrina do Mestre interior desenvolvida nos últimos capítulos do diálogo do *O Mestre*, não será fruto de investigação aprofundada neste artigo, limitando-se apenas as questões de linguagem e sinais.

a mediação da linguagem” (Xavier, *In*. Agostinho, 1995, p. 13). E, a ‘falha’ nessa mediação, visto que as palavras por si só não ensinam, que favorece o desenvolvimento de uma pedagogia ostensiva.

Enquanto a palavra necessita de um conhecimento prévio acerca do que é dito, para assim ser compreendida, a pedagogia ostensiva, para ser eficaz, necessita de uma atividade interior do processo de aprendizagem, isto é, aquele vê, capta pelos sentidos as formas visíveis e aprende de modo mais ‘completo’ as coisas. Assim, todo o presente texto trouxe à tona a primazia da realidade, que é o grande objetivo a segunda parte do Mestre. O conhecimento da realidade, por mais desprezível que seja (como no exemplo da imundície), ainda sim é superior a todo e qualquer sinal “devemos recorrer as coisas para compreendermos as palavras, e, por estas, uma vez compreendidas, chegamos a saber outras coisas” (Mayer; Fitzpatrick, 2023, p. 25).

Com isto, percebemos que o contributo da filosofia agostiniana se mantém firme e atual, visto, para o ensino de filosofia atual, muito se fala sobre o fazer filosófico ‘tocar’ a vida do aluno (Matos, 2021), porém, por melhor que seja os educadores, o seu papel, como diz Agostinho, não é pôr o conhecimento no aluno, mas despertá-lo para o conhecimento que há no seu interior.

Agostinho conclui o seu diálogo com a doutrina do mestre interior, contudo, essa conclusão exclui nem esgota a mediação da linguagem nem da ostensão. Ao contrário, a mediação das palavras colabora para um efetivo conhecimento das coisas, isto é, da realidade.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. Santo, Bispo de Hipona, 354-430. **A Doutrina Cristã: manual de exegese e formação cristã** / Santo Agostinho – trad. de Ir. Nair de Assis Oliveira, csa. São Paulo: Paulus 2002 – Patrística; 17

AGOSTINHO. Santo, 354-430. **Confissões; De Magistro**. 2ª ed. – São Paulo: Abril Cultural, 1980; trad. de J. Oliveira Santos; A. Ambrósio de Pina e Ângelo Ricci (Os pensadores)

AGOSTINHO. Santo, Bispo de Hipona, 354-430. **Contra os acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma, o mestre** / Santo Agostinho – trad. Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus 2008 – Patrística; 24

AGOSTINHO. **O Mestre** / Santo Agostinho – trad. António Soares Pinheiro. Porto: Porto editora, LDA – 1995

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona, 354-430. **Retratações** / Santo Agostinho; trad. de Agostinho Belmonte. – São Paulo: Paulus, 2019. Coleção Patrística.

AGOSTINHO. Santo, Bispo de Hipona, 354-430. **Sobre a vida feliz** / Santo Agostinho – trad. de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. (Coleção Vozes de Bolso).

AGOSTINHO; AQUINO, **Sobre o Mestre (De magistro)** / Santo Agostinho; Santo Tomás de Aquino – trad. Felipe Denardi. 1º ed. Campinas: Kirion 2017

BROWN, Peter. **Santo Agostinho, uma biografia** / Peter Brown. 14ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2023. – trad. de Vera Ribeiro.

CAMERON, Michael. Magistro De. *In*. FITZGERALD, Allan D. **Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia** / Allan D, Fitzgerald. – trad. de I.L.B e H.D. deO.F. 1ª ed. – São Paulo: Paulus, 2018. p. 895-900 (Coleção de Filosofia Medieval)

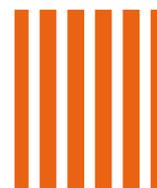
COSTA, Marcos Roberto Nunes Costa. **10 Lições sobre Santo Agostinho** / Marcos Roberto Nunes. 4. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. (Coleção 10 Lições)

GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho** / por Étienne Gilson da Academia Francesa; trad. Cristiane Negreiros Abdud Ayoub – São Paulo: Discurso. Editorial: Paulus, 2006

GREGORY, Wolfe. **A beleza salvará o mundo: recuperando o humano em uma era ideológica** / Wolfe Gregory – 1ª ed. Campinas, SP: Vide editorial, 2015. - trad. Marcelo Gonzaga de Oliveira.

KRIES, Douglas. Magistro De. *In*. FITZGERALD, Allan D. **Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia** / Allan D, Fitzgerald. – trad. de Cristiane Negreiros Abbud e Heres Drian de O. Freitas. 1ª ed. – São Paulo: Paulus, 2018. p. 620-621 (Coleção de Filosofia Medieval)

MATOS, Junot Cornélio. **Filosofia (da) Perguntação** / Junot Cornélio Matos. – 1. Ed. – Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2021 (Coleção Filosofias no Chão da Escola)



MAYER, Mary; FITPATRICK, Edward. **Filosofia da Educação, segundo Santo Tomás de Aquino** / Mary Mayer; Edward Fitzpatrick; trad. de. Maria Ignez de Moraes Cardim. – São Paulo: Editora Rumo a Santidade, 2023

MORESCHINI, Claudio. **História da Filosofia Patrística** / Claudio Moreschini. – trad. Orlando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

Nova Vulgata, Bibliorum Sacrorum Editio. Vatican.va. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/bible/nova_vulgata/documents/nova-vulgata_novumtestamentum_lt.html>. Acesso em: 219 de nov. de 2023

PAPINI, Giovanni. **Santo Agostinho** / Giovanni Papini. 1ª ed. – Dois Irmãos, RS: Minha Biblioteca Católica, 2023. – trad. de Godofredo Rangel.

PIO XI, Papa (1857 – 1939). **Carta Encíclica Divini Illius Magistri: Sobre a educação cristã da juventude** / Papa Pio XI – 1ª ed. – São Caetano do Sul, SP: Santa Cruz – Editora e Livraria, 2022.

ROPS, Daniel. **A Igreja dos tempos bárbaros** / Daniel Rops, da Academia Francesa. – 1ª ed. São Paulo: Quadrante, 1991. – trad. de Emérico da Gama

